UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TÍTULO:

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS DE AFRODESCENTEDES NA CIDADE DE SANTA LUZIA-PB (1944-2005).

AUTOR (A):

RAIMUNDO TAVEIRA DOS ANJOS

ORIENTADOR (a):

PROFESSOR MS: JOSÉ PEREIRA JUNIOR

CAMPINA GRANDE JUNHO DE 2010

AUTOR (A):

RAIMUNDO TAVEIRA DOS ANJOS

TITULO:

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS DE AFRODESCENTES NA CIDADE DE SANTA LUZIA-PB (1944-2005).

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do titulo de Licenciado em História.

Campina Grande junho 2010

Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

TITULO:

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS DE AFRODESCENTES NA CIDADE DE SANTA LUZIA-PB (1944-2005)

Monografia Aprovada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR Ms: JOSÉ PEREIRA JUNIOR

Orientador (a)

PROFESSORA Drª. REGINA COELLI

Examinador (a)

PROFESSOR Dr. LUCIANO MENDONÇA DE LIMA

Examinador (a)

DEDICATÓRIA

Toda dedicatória estar voltado a Deus que nos deu a oportunidade de estarmos vivos para podermos concluir este curso. E em especial aos meus pais, a minha irmã com sua família pessoas estas que esteve sempre ali presente nas minhas dificuldades, a quem devo esta honra de estar terminando este curso superior. As demais pessoas que contribuíram no decorrer desta trajetória acadêmica. E aos meus colegas de curso.

AGRADECIMENTOS

- Não poderíamos deixar de agradecer a figura mais importante na vida de um homem que se chama Deus. A quem devemos todas nossas homenagens no céu e na terra.
- Aos meus pais, Geraldo Taveira e Vera Lucia Taveira dos Anjos.
- Aos meus colegas de curso.
- A todos os professores que fizeram parte desta minha vida acadêmica.
- A todos os habitantes da cidade de Santa Luzia, em especial as comunidades Talhado, Pitombeira.
- Ao amigo Dagmar Santos, a quem se postou a total ajuda na realização deste trabalho. Que com sua simpatia, sempre "Abrindo portas" com grande disposição em ajudar.
- Aos representantes das comunidades, a senhora Céu representante da comunidade Talhado que esteve sempre disposta a nos receber. Ao senhor Antonio membro da comunidade Pitombeira que nos recebeu muito bem na comunidade.
- A toda coordenação do curso de história que sempre nos atendeu com carinho e responsabilidade
- E a esta instituição que nos recebeu de braços abertos se dispondo a nos capacitar.

RESUMO

Este trabalho trata de compreender o cotidiano dos afro-descendentes na cidade de Santa Luzia-Pb. E como é construída a identidade étnica das comunidades ali existente; A comunidade do Talhado localizado em uma serra pertencente a cidade de Santa Luzia-Pb, e a comunidade Pitombeira pertencente a cidade de Várzea. Esta ultima tem uma considerável ligação com a cidade de Santa Luzia, a maioria de seus habitantes migram pra esta cidade.

Um dos principais temas abordados neste trabalho é a discriminação racial e social destes afro-descendentes frente à cidade de Santa Luzia. O nosso trabalho tenta observar as relações de poder, entre as comunidades. O convívio das mesmas no território urbano.

Este trabalho tem como meta mostrar as diferenças entre as comunidades, mostrar a posição do afro-descendente na atualidade naquela cidade e tentar através deste um melhoramento para aquelas comunidades. Tentar despertar um novo olhar sobre aqueles afro-descendentes. Buscando assim inserir sua história na da história do Brasil.

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas, discriminação e raça.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I: (**OS CLUBES SOCIAS E SUAS DIVISÕES INTERÉTNICAS NA CIDADE DE SANTA LUZIA-PB**) 14

1.1 - 1969 um passo para transformação 15

1.2 – Clube 1° de julho (a resposta dos negros) 18

1.3 – As faces do preconceito 20

CAPÍTULO II:(**TALHADO: QUILOMBO RURAL/QUILOMBO URBANO**) 24

2.1 – Como surgiu a comunidade? 25

2.2 – Organização social 28

2.3 – migrações 32

2.4 – Talhado/Pitombeira: As diferênças e semelhanças entre as duas comunidades 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS: 40

REFERÊNCIA BLIOGRÁFICA: 42

ANEXOS: 43

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende realizar uma analise sobre as experiências culturais e sociais de afro descendentes na cidade de Santa Luzia no Estado da Paraíba, micro-região do Seridó Ocidental Paraibano, a 130 km de Campina Grande. Buscando, portanto traçar uma analise das duas comunidades quilombolas ali existentes; como a comunidade Talhado, a comunidade Pitombeira que fica situada entre as duas cidades; Várzea e Santa Luzia aproximadamente a 10 km. Segundo relatos da própria comunidade do Talhado ela existe desde 1860, e fica situada a 26 km de Santa Luzia, em um local de difícil acesso o que favoreceu o isolamento da comunidade por muito tempo.

Hoje tanto os habitantes da Pitombeira, quanto os habitantes do Talhado fixaram residência na cidade de Santa Luzia. Salientando que existem habitantes que ainda residem na zona rural, mesmo que não seja numa quantidade considerável como há alguns anos atrás. Essa vinda para cidade mudou os rumos das comunidades e da própria cidade, provocando tensões sociais entre os moradores da cidade e as das comunidades, tanto no que se refere às questões interétnicas, quanto ao próprio espaço geográfico disputado por aqueles que vieram da zona rural e necessitam de um espaço para se fixar.

Nosso estudo procura explorar o cotidiano dos afro-descendentes, ou seja, o vivido, os valores, os costumes e práticas tradicionais que vão se modificando ao longo do tempo. Na tentativa de mostrar as mudanças ocorridas durante este percurso histórico percorrido por estas comunidades, que a tanto sofrem com a desigualdade social, cultural, étnica e econômica em nosso país. E como Santa Luzia estar inserida no espaço geográfico nacional, não estaria longe desta realidade e deste quadro nacional de desigualdades.

E nesta perspectiva de analise tentaremos abordar esta temática no decorrer do nosso trabalho. Para tanto, serão consideradas as práticas e

experiências dos moradores destas comunidades e dos moradores da cidade de Santa Luzia.

Outro fator interessante que gostaríamos de questionar neste trabalho, seria a idéia de quilombo em si entre as duas comunidades as quais serão o foco da nossa pesquisa. Ao analisarmos estas comunidades vemos um contraposto entre as duas, nos que se refere a sua fundação. Segundo dados, a idéia de quilombo estaria relacionada a um lugar onde os negros se refugiavam dos seus senhores. No entanto ao analisarmos a história das comunidades vimos que a comunidade Talhado, hoje reconhecida como comunidade remanescente, seria fruto do quilombo da Pitombeira.

Segundo relatos, o quilombo Talhado foi fundado por um negro que até então pertencia a Pitombeira. Havendo, portanto naquele momento uma desavença entre os próprios negros do quilombo da Pitombeira, negros estes que vinha de um sistema colonial senhorial do XIX, formando naquela região um quilombo. E o negro José Bento será o mentor desta briga, retirando-se daquela localidade com sua família indo morar em outro local denominado olho d'água, que com o decorrer do tempo irá se chamar Talhado. Ao passar dos anos os negros irão encontrar naquele lugar uma saída para seus problemas também. Visando encontrar um refúgio para sua sobrevivência. Vemos que este novo povoado se fixou neste local o qual muitos ainda vivem até os dias atuais.

Este questionamento seria uma critica ao documentário de Linduarte Noronha (*cineasta paraibano e ex-professor da UFPB. Produziu um documentário, "ARUANDA" no ano 1960. A obra regional de maior reconhecimento nacional e internacional que inaugurou todo um gênero de fazer cinema no Brasil, o chamado Cinema Novo, que aborda temáticas da realidade e regional e mostra o Brasil como ele realmente é).* Ele tenta repassar a idéia que o negro José Bento estaria ali fugindo de outra região de um sistema senhorial da época e vimos que esta idéia se contradiz com os relatos recolhidos dos habitantes da comunidade Pitombeira.

Tentaremos expandir neste trabalho as idéias já expostas. E não poderíamos deixar de relatar que um dos principais focos que serão abordados também neste trabalho estará voltado para a discriminação racial, social e cultural dos afros descendentes ali existentes naquela cidade. Buscaremos traçar um recorte temporal que englobe a história daqueles afros descendentes e suas dificuldades enquanto negro, viabilizando as dificuldades enfrentadas nos dias atuais.

Acreditamos que um os principais motivos que nos levaram a escolher este tema seria, a situação em que os afro-descendentes se encontram ainda em nosso país. Uma classe social ainda muito marginalizada pela sociedade brasileira, porque não dizer mundial. Segundo, seria umas das nossas propostas ao ingressar no curso de história. Terceiro pretendemos através deste trabalho contribuímos para construção de uma nova figura do negro, mostrando sua importância para a sociedade brasileira, paraibana durante este percurso histórico, e fortalecer em particular a figura dos afros descendentes para a cidade de Santa Luzia, uma cidade que tem um grande contingente de Afro-descendente muito presente em seu dia-dia.

E através de alguns trabalhos realizados sobre a mesma temática podemos perceber o desprezo por aquelas comunidades ali localizadas. Percebemos, portanto que existe uma descriminação muito constante naquela cidade e o nosso intuito será justamente mostrar meios que possam amenizar esta situação, ou melhor, dizendo tentar através deste construir uma nova conscientização. Que esta possa ajudar não só aos negros, mas também aos que se consideram brancos.

Este trabalho será de grande importância para nossa formação acadêmica e com certeza será uma realização concluir este trabalho, que a tanto temos almejado durante este tempo acadêmico naquela instituição. E será de grande importância também para historia do negro dentro da historiografia brasileira. Tentaremos também levantar questões que ainda não foram apresentadas pelos trabalhos realizados. Temática esta, que aos poucos vem alcançando seu espaço na historiografia através de trabalhos realizados

como: dissertações, monografias, edições de revista, livros, documentários sobre estas comunidades entre outros. A nossa base teórica estará voltada para estes trabalhos já realizados.

Ao analisarmos o trabalho da pesquisadora Josefa Salete Calvanti, um dos primeiros trabalhos realizados na comunidade talhado na década de setenta, vimos que ela tenta mostrar em seu trabalho que o quilombo talhado estaria relacionado a um quilombo de sobrevivência, ou seja, ainda preso a sua descendência e naquele momento o isolamento seria fruto do seu passado enquanto escravo assim afirma: "*O isolamento do grupo se prende á cor e a sua situação social de origem*". (CALVACANTI, 1975: p: 69). Gostaríamos de salientar que naquele momento, a própria sociedade contribuía para que isolamento acontecesse, assim sendo a mesma não abria espaço para que esta realidade tomasse novos rumos. Temos apenas políticas sociais paliativas que funcionam como disfarce para discriminação.

A autora em algumas falas não opina, podemos perceber que a neutralidade de um autor é muito preocupante porque o dever do autor e de sua obra não estar apenas voltado para uma cópia do acontecido, mas acreditamos que uma obra deverá dar sua contribuição positiva tanto para uma realidade atual quanto para realidades futuras.

Ao analisarmos o trabalho de José Vandilo dos Santos, um pesquisador que concluiu um trabalho voltado para esta duas comunidades quilombolas no ano 1998 em especial para a comunidade Talhado, podemos perceber certa semelhança com o trabalho de CALVACANTI, mesmo que seja em datas distintas em momentos históricos diferentes. Mas um dos pontos que nos chamou a atenção é sua justificativa em relação ao seu trabalho. Uma das citações que prendeu nossa atenção foi:

> "Comentários sobre aqueles 'negros estranhos', eram feitos habitualmente por pessoas do meu convívio. Ainda guardo lembranças de pessoas de pele escura com medo de serem confundidas com moradores do Talhado" (VANDILO, 1998: p: 13).

Percebemos que a descriminação ronda a cidade de Santa Luzia há tempos, como vimos o próprio isolamento da comunidade deixa esta afirmativa clara. Se voltarmos um pouco no tempo e analisarmos a vida afro-descendente no nosso país, nos deparamos com uma rejeição. A própria sociedade criou esta separação. Logo após abolição, o negro passa por um período de adaptação a sociedade, agora libertos tinham como meta buscar o seu espaço em meio à sociedade, mas infelizmente este espaço ainda não possível, vemos que ainda tentam se encontrar na sociedade.

Nesta época a libertação dos escravos não significaria que eles deveriam ter os mesmo direitos enquanto cidadãos, pelo o contrário a sociedade via-os como uma ameaça.

Não é tão difícil perceber as dificuldades enfrentadas por afro-descendentes e como estas caminham junto até os dias atuais. Lógico que cada contexto histórico se diferencia em relação outro, mas que esta é uma realidade muito presente em nosso meio. E trazendo esta realidade para o nosso trabalho, iremos perceber uma distinção entre os "negros da Pitombeira" e os "negros do Talhado". Os negros da Pitombeira por sua vez serão chamados de "morenos", ou seja, mais uma vez a sociedade se esconde por traz de algo. E os negros do Talhado carregam consigo este estereótipo até os dias atuais.

Vimos, portanto que nestas duas denominações foram criadas pelos próprios habitantes da cidade de Santa Luzia. Mais uma vez fica claro que a nuvem do preconceito a tempo ronda a aquela cidade. E será através destas afirmações que gostaríamos de fincar nosso trabalho.

Mostrar através deste um novo olhar sobre os afros descendentes ali existentes, dar uma nova cara a história daqueles que também contribuíram para história local daquele município, mesmo que esta contribuição não esteja cravada nos palcos das grandes lideranças, mas que seja lembrada de forma original e pura. Para que aqueles que tiverem a oportunidade de ler, irão perceber que a discriminação existe, mas que possamos vê-la de forma

diferente, e que esta diferença seja feita por todos aqueles que ainda não conseguem afastar de si a discriminação e principalmente a racial.

Como já havíamos citado a discriminação é um fruto que a própria sociedade criou, e vimos que muitos ainda regam para que este fruto não morra. E mais uma vez voltamos apelar que, esta realidade vivida pela a cidade de Santa Luzia não seja exemplo de cidadania para aqueles que acreditam num mundo melhor. E que este exemplo possa abrir os nossos olhos para que possamos fazer a diferença enquanto homem, cidadãos. È lógico que esta realidade não é unânime na cidade, ainda encontramos muitas pessoas que também lutam para que este quadro seja mudado o mais urgente possível, apostamos que isto aconteça.

O nosso trabalho estar voltado para a história cultural ou nova história. A qual tenta mostrar uma nova perspectiva de escrever a história. E uma das obras que iremos trabalhar é obra de Peter Burke "A escrita da história". O mesmo tenta relatar de maneira interessante, para pensarmos os novos caminhos da história e os novos caminhos da produção histórica. Além de apresentar novas tendências discutidas por especialistas, traz uma teoria da apresentação do trabalho histórico, uma teoria que não exclui as teorias de longo alcance, mas que pensa a História de modo literário, sem esquecer das estruturas.

O outro autor que iremos analisar é Michel de Certeau "A Invenção do Cotidiano" é um livro que examina as maneiras em que as pessoas individualizam a cultura de massa, alterando coisas desde objetos utilitários até planejamentos urbanos e rituais, leis e linguagem, de forma a apropriá-los. Tentaremos através desta obra buscar um melhoramento para nosso trabalho.

CAPITULO I

OS CLUBES SOCIAS E SUAS DIVISÕES INTERÉCTNICAS NA CIDADE DE SANTA LUZIA-PB

1.1- 1969, um passo para transformação.

A cidade de Santa Luzia convive desde muito tempo com uma demanda de afro descendentes em seu território geográfico, ou seja, no espaço urbano/rural. E dentre outros questionamentos percebemos que alguém fica incomodado com presença afro. Tentamos voltar no tempo para analisarmos esta trajetória afra na cidade de Santa Luzia.

E nos deparamos com varias questões que afirmam este incomodar das pessoas, e uma das questões que poderíamos levantar neste momento estaria voltada para a divisão de dois clubes sociais. Que naquele determinado momento da história esta separação foi proveniente agradando os prazeres de um determinado grupo social. O Yayu clube assim chamado pelos brancos, era o local onde se realizava os festejos juninos, festa típica do nosso Nordeste dentre outras comemorações adequadas para os brancos em especial a elite daquela cidade. Caminhando por outro viés temos o clube dos negros, conhecido como "clube dos morenos" fundado em 1944 pelo delegado sargento Agenor, este, porém agradava os anseios dos negros, já que no Yayu não permitia sua entrada.

Podemos observar que esta realidade acontece nas primeiras décadas do século XX, ou seja, quase setenta anos após a abolição escrava, mais uma prova de que o sofrimento contra a moralidade do negro não acaba quando acontece sua libertação. Naquele momento não era apenas uma separação relacionada a festas, mas estaria ligado a uma separação da moralidade entre negros e brancos.

Analisando as fontes orais, vimos que esta separação permeou-se por muitos anos causando constrangimentos a muitos. Mas como toda transformação tem seu tempo propício para acontecer, a entrada dos negros no Yayu clube não poderia ser diferente. E no ano de 1969, segundo relato do jornalista e escritor Dagmar Santos, descendente da comunidade Pitombeira e e um exemplo de cidadão que deveria ser seguido por muitos e tendo no seu currículo profissional um exemplo conquistas alcançadas pelo mesmo. Hoje morador da cidade Santa Luzia. Segundo o mesmo:

> "Eu lembro de um episódio que presenciei naquele clube no ano de 1969, estava acontecendo uma festa no clube yayu, e no momento da entrada para festa um cidadão de cor, foi barrado, mas o mesmo não sabia que naquele clube não era permitido a entrada de negros, o que acontece aquele determinado cidadão, estava de passagem naquela cidade, ele era mais um dos engenheiros da obra de construção da BR 230, ou seja, um funcionário da empresa Camargo Correia, neste mesmo momento seus amigos também engenheiros já tinha entrado para festa, mas sentiram a ausência do colega, assim voltaram e fizeram um movimento para que seu colega pudesse entrar, e conseguiram convencer os dirigentes do clube, foi a partir de então que foi instituída a entrada de negros no yayu, mesmo que se levou um tempo para os próprios negros se situarem com a realidade até desconhecida, eu mesmo a primeira vez que entrei lá foi como garçom, eu e mais dois amigos também negros, com o tempo até cantei lá em algumas festas, mas como eu disse esta realidade era muito viva na cidade de Santa Luzia" (DAGMAR 54, 2010).

Portanto o relato do jornalista e escritor Dagmar Santos deixa bem claro como aconteceu a primeira entrada de descendente afro naquele clube, como vimos não importaria se o negro era ou não morador daquela cidade, até então o engenheiro estava apenas de passagem, mas com um detalhe o negro que ali se encontrava não era um negro do talhado ou da pitombeira, pessoas humildes que até hoje vivem em condições precárias que ainda não se encontraram no convívio social daquela cidade. Fica uma indagação será que, se não fosse um engenheiro daquela famosa empresa da época, aquela entrada seria permitida. Pelo que aparenta o preconceito tem cara e posição social entre outro instante da história outro fato acontece assim relata um informante membro da irmandade:

> "Eu me lembro muito bem que a sociedade fazia a diferença entre moças e mulheres e diziam: filha de fulano não vai entrar; é isso, é aquilo outro, e aconteceu uma coisa curiosa na porta do yayu clube, o clube dos brancos. Uma vez chegou uma mulher e foi entrar então o presidente do clube disse que ela não entraria porque ela era uma negra velha rapariga e o

> que ela respondeu foi o seguinte: eu negra velha rapariga, mas conte às moças que tem aí porque se for contar não fica nenhumas, talvez até suas filhas saiam. Essas coisas aconteceram, mas a sociedade agora mudou, ela mudou de um tempo pra cá e precisa ainda muita mudança". (FERNANDO 2010, 50)

Podemos perceber o quanto o preconceito estava aflorado naquele determinado momento da história, assim como afirma as entrevistas. Mas percebemos que as transformações mesmo que a passos lentos estão acontecendo.

Isso sim é de grande importância para a nossa realidade hoje. E ainda podemos acrescentar neste comentário a questão racial mesmo, não importava se a mulher era digna diante a sociedade ou não, o que importava era a sua cor, esta, porém lhe encobertava a sua moralidade diante a sociedade branca.

Os relatos analisados observam dois pontos distintos que movem o preconceito; posição financeira, divisões raciais; no primeiro relato o jornalista tenta afirmar que devido à condição social do engenheiro negro ele poderia gozar de um privilégio até então não permitido, no segundo vimos que não bastaria ser uma mulher digna na sociedade, mas não bastaria ser branca para adentrar aquele clube, tomando, portanto, uma direção racial.

Acreditamos que para a maioria dos habitantes de Santa Luzia aquela data não signifique algo importante, mas para aqueles jovens da época seria mais uma conquista, não somente os jovens, mas aqueles que se sentiam impedidos de entrar em um ambiente até então proibido. Imaginamos também que esta chegada aconteceu aos poucos, acreditamos que muitos negros eram intimidados por uma questão até mesmo de honra, de moralidade.

Segundo, José Vandilo(1998) que por mais que estas transformações aconteçam outros meios comunicativos abastece a idéia da divisão entre brancos e negros, com aquela velha desvalorização étnica, criada pela própria

sociedade que insiste em manter viva esta divisão. Sabendo, portanto que esta divisão apenas contribui para o atraso do progresso do nosso país, isso em todos os setores que regem a sociedade.

1.2 O clube 1° de julho (resposta dos negros)

Este clube nasce o em resposta ao impedimento da entrada dos mesmos ao clube Yayu, localizado na área urbana. Como na época a cidade já se encontrava com um número considerável de pessoas de cor negra, este clube chega na hora certa. Digamos que o mesmo não tivesse a mesma estrutura que o Yayu, mas tinha uma enorme vantagem, aceitava a entrada de negros, e em detalhe as festas realizadas no mesmo seriam por pessoas das comunidades tanto talhadinha, como da Pitombeira, estas duas acolhia pessoas com talento para a sofona um instrumento típico do nosso Nordeste, e ali eram realizados os festejos de acordo com os desejos de seus membros. Vejamos o que afirma o senhor (Fernando) a respeito das festas realizadas:

> "Os negros iam dançar, ajuntavam as negras da região e dançavam lá. Tocou lá, Ciço Bento do Talhado, negro velho Abdias, Zé Preto de Caicó e outros sanfoneiros. Nessa época eram acompanhados pela a sanfona, zabumba e o triângulo, e tocavam a noite toda e o tempo foi passando até os brancos acharem que lá estava melhor e começaram a freqüentar o clube dos negros" (JOSÉ 50,12/05/2010).

Em sua obra "A invenção do Cotidiano", Michel de Certau trabalha com duas hipóteses; tática e estratégia: "*Portanto, a necessidade faz uma tática "surgir" no mundo, enquanto uma estratégia vê necessidades como coisas que talvez tenham que ser criadas após o produto".* Se observamos iremos perceber que a criação do clube 1° de julho foi estratégia encontrada pelos negros para através desta poder realizar suas festas e se inserir no meio social através de suas maneiras, ou seja no momento eles não dispunha de grandes nomes no mundo artistíco da musica, mas trazem seus próprios frutos. Ou seja encontram-se como cidadãos naquele ambiente e ao mesmo usam aquela

tática como resposta para muitos, estes mesmos com o passar do tempo irão começar a frequetar junto com eles.

Acreditamos que o autor foi muito feliz em sua colocação, pois estamos percebendo que a todo instante novas táticas e estrategias estão surgindo para um melhoramento daqueles que estão à mrgem da sociedade.

Como podemos perceber o clube 1° de julho(atualmente clube da melhor idade) tem uma grande diferença entre o clube Yayu, porque vemos que até então de 1944 á 1969 apenas brancos poderíam entrar, mas com o clube 1° de julho esta realidade era outra. Era permitido a entrada de brancos até porque os diretores que estavam a sua frente eram brancos.

Na pesquisa um detalhe prende nossa atenção, tanto o trabalho de (CALVACANTI) quanto (JOSÉ VANDILO) deixa claro que os brancos participavam, mas com um detalhe não levavam suas mulheres, irmãs, namoradas, eles acreditavam que lá não era um local apropriado para elas de acordo com os padrões sociais da cidade.

As afirmações que já foram levantadas em relação a discriminação nesta cidade é perninente, por mais que se trata de uma época meio que distante da nossa, mas nada justifica esta reação. Mas volto atrás porque sabemos que esta realidade tambem não estar apenas voltada pra aquela cidade, mas pra o restante do país. Vimos que houve uma reação por parte dos negros daquela cidade em mostrar que eles tambem fazem partem dela mesmo que, para isto eles tivessem de criar algo novo, quantos muitos que passaram por tais experiências no restante do país não tiveram esta iniciativa ou ação de mudança, muitas aceitam o que lhe imposto.

Esta duas analises deixam bem claro a visão do branco em realação ao negro. Vimos que é forte, mesmo os brancos participando dos eventos dos negros, sendo uma participação pela a metade, disfarçada cheia de preconceito, muitas vezes poderia ser até uma forma demonstrar sua superioridade. O autor afirma que: *"De forma mais branda de discriminação também era conhecido como 'clube dos morenos'"(VANDILO,1998 pg 110).*

Particulamente não existe uma forma branda, e sim um disfarce que muitos usam até hoje.

1.3 As faces do Preconceito.

Segundo Conceição Corrêia Chagas, os esteréotipos contra o negro estão tão bem alicerçados, que podemos dizer que constituem o imaginário, o subjetivo, um tipo de inconciente coletivo da sociedade brasileira, em todos os seus pontos extremos de extensão e diversidade.

O preconceito está tão preso nas pessoas que atividades discriminatórias por favorecer uma nação institiva, como exemplo: mudar de calçada se um grupo de pessoas negras se aproximam, ou se sentir medo de cruzar com um negro á noite em uma rua não movimentada.

Tais atitudes demonstram os pesamentos estereotipados em relação a esse grupo. Os esterótipos atribuídos aos negros como; inferior, incapaz, vadio, indolente e muitos outros, aliados a força da mídia, que lhe confirma essas imagens e ideias, mantêm tanto o grupo branco como negros essa visão desvalorizativa para essa etnia.

O termo moreno para a cidade de Santa Luzia seria uma contraposição aos negros do talhado, considerados como; metidos a valente, beberrões, criminosos uma série de esteriótipos. Se observarmos há uma divisão entre talhadinos e os morenos da cidade oriundos da comunidade Pitombeira, estes porém são os primeiros descedentes afro a se instalar na cidade.

Com decorrer do tempo o pessoal do Talhado irá descer a serra e vim morar na rua, formando um bairro que hoje é conhecido como São José. O mesmo é alvo de muitas críticas na cidade como por exemplo; muitos habitantes acreditam que a vinda dos negros para cidade, causou um problema social. Observamos também a discriminação não somente parte dos brancos, mas os outros negros assim faziam:

> "Os negros do Talhado são considerados diferentes pelos os negros da sede do Municipio de Santa Luzia; não possuem tradições de origem africana e naõ participam das festas orgainazadas pelos negros da sede do Município. São considerados perigosos e criminosos..."(CALVACANTI,1975 pg 17).

Diante desta arfirmação podemos perceber que a questão racial nesta cidade é mais complexa do que pensamos. Pois os próprios negros discriminam uns aos outros. Se analisarmos com cuidado iremos percebe que a uma afronta maior voltada para os negros do Talhado. Porque, além de enfrentarem os brancos discriminando-os, sua propria raça os rejeitam.

Em visita a feira de Santa Luzia a mesma realizada aos sábados, encontro-me com senhor Manoel de Boró descedente afro e filho do talhado. E ao entrevista-lo sobre o preconceito ele afirma que:*"Hoje o preconceito é menor, as pessoas tão mudando antigamente elas eram mais ignorantes, por isso acontecia"* (MANOEL18/04/2010, 38, SANTA LUZIA PB).

Diante esta afirmação vemos que o preconceito ainda prevalece. Na opinião do senhor Manoel, esta realidade estar mudando, mas não significa que não exista. Segundo Ricardo Franklin Ferreira: *"A população brasileira criou uma 'ideologia do branqueamento'"(2007,pg71)*. Esta porém faz com que as pessoas negras negem-se a si mesmo, e uma prova disso é o recenseamento. Ou seja seria uma ironia nacional dizer que os negros são minoria na discriminação, onde metade da população brasileira é constituida por negros.

Mas isso é fruto da construção da propria história brasileira onde esconde a história dos descedentes africanos, a formação da identidade e da cidadania através das agências que regem este processo de socialização tais como; educacional formal e informal, a mídia.

Esta história atendia apenas a um a ideal branco rebaixando os afro-descedentes num processo de exclusão. Podemos perceber que não é só uma realidade desta cidade mas uma realidade nacional. Estes são apenas fatores que contribuiram com o afastamento dos afro-descendentes.

Iremos descrever a visão de um branco habitante da cidade Santa Luzia sobre a situação da discriminação naquela cidade.

> " A discriminação ainda existe um pouco, da minha parte não, mas existe. Eles vieram mais pela sobrevivência, era mais a louça de barro, hoje em dia não chove, agricultura também não têm, então eles estão vindo morar aqui em Santa Luzia. Eu não sei muita história sobre eles não, porque eu não tenho amizade com eles. O que eu tenho mais amizade é Sebastião Braz, gente muito boa. O preconceito existe ainda, o pessoal fala: olhe os negros do talhado... qualquer coisa é o negro do Talhado, se você falar negro do talhado estar discriminando. Os negros da festa do Rosário aqueles dali são outra coisa, aqueles são queridos demais eu acho que é só por causa da festa, né; aqueles eu nunca vi ninguem falar deles não. O pessoal da festa do rosário tem mais entrosamento, é um pessoal menos violento, tá entendendo, o pessoal do talhado sempre foi mais agressivo acho que é por isso o racismo; de minha parte eu naõ tenho, inclusive eu tenho até amizade com eles. Às vezes até bebo com alguns deles, não é com todos não" (BATISTA 2010, 71SANTA LUZIA PB).

Entrevista com um rapaz negro residente na cidade afirma:

> Preconceito eu acho que é o seguinte: aqui se alguem tiver preconceito comigo eu não ligo não, porque tem gente besta que tem, mas em todo canto existe. Os negros do talhado são umas pessoas boas, eu acho que pode existir entre eles, despeito com a agente que não temos. É o seguinte: é porque aqui há varios tipos de coisas que uma pessoa tem e dez não tem. Você sabe que tem aquele pessoal branco besta e outros não são. Muita gente ás vezes fala, Junior você só anda com 'cabra' branco; não existe isso não, comigo é normal, tanto faz. A pessoa que estuda tem muita amizade, e a maioria são esses meninos aí(brancos), não tem preconceito comigo não. Agora tem aqueles que acham que os amigos têm que ser negros, mas é besteira"(*JUNIOR 2010, 26, SANTA LUZIA PB).*

Como podemos perceber foram levantados vários requisitos a respeito do preconceito nesta duas fala de um lado a opinião de um branco que ao tratar este assunto se defendem afirmando que tem não preconceito, mas mesmo assim evita um contato mais aproximado com os negros do talhado.

Desta forma podemos analisar que o preconceito esteja camuflado entre os habitantes de Santa Luzia, uma vez que foram vários esteriótipos á respeito

dos negros do Talhado, sem comentar que o negro por si só já enfrenta um preconceito particular dentre as camadas brasileiras.

Num outro instante ele afirma que os negros oriudos da Pitombeira, conhecidos como os negros da festa do Rosário são pessoas mais civilizadas, mesmo assim eles não são insentos do preconceito, mesmo que seja com pequena dosagem.Por outro lado analizamos a fala do rapaz negro onde o mesmo afirma não ser discriminado, pelo o contrário em sua fala ele afirma que os seus colegas negros o ignora o modo como ele se realciona com os brancos. Mas não deixa de relatar que o preconceito existe mesmo que não seja ele o alvo.

Diante as arfimações descritas através das entrevistas vimos que o preconceito racial ronda a tempos aquela cidade. Podemos perceber também que por mais que as políticas socias venham incentivando de modo geral as pessoas a não discriminar, vemos portanto que esta realidade ainda estar um pouco distante daquela cidade. Não seremos tão injustos, lógico que se fizermos um comparação entre a década de setenta aos dias atuais muita coisa tem mudado, mesmo que seja a passos muito lentos.

Acreditamos que este trabalho possa contribuir para o desenvolvimento cultural daquelas comunidades, que sirva de alerta para as aquelas autoridades que ainda não tem um olhar sensível para a situação daquelas comunidades. Que as faces do preconceito seja vistos de forma diferente para que com isso haja uma mundança. Como toda transformação carregam consigo uma responsabilidade de mudança que esta seja uma mudança positiva, para que só assim haja progresso entre aqueles habitantes.

CAPITULO II

TALHADO: QUILOMBO RURAL/QUILOMBO URBANO

2.1 COMO SURGIU A COMUNIDADE?

Varios questionamentos são levantados á respeito do surgirmento desta comunidade. Iremos discorrer alguns destes para um melhor entendimento desta comunidade, sem aportamos uma verdadeira origem, tendo em vista a falta de documentos comprobátórios para tais fins.

Com base no material pesquisado; revistas, documentário e entrevistas. Tudo leva a crer que a cuminidade foi fundada por um negro aforriado conhecido por José Carneiro Bento(Zé Bento), no final do seculo XIX, mas a outros relatos a respeito do sugirmento desta. Outros relatos afirmam pertencer as duas partes:

> "Tem a parte do caboclo e tem a parte do negro do Piuaí. Do negro do Piauí veio Joaquim Carneiro, Mané Bonifácio, chamado Clementino. No estado de origem viviam de matar gente. Na Paraíba, "Carregou Candida Gomes, filha de Cota da Caiçara, cabloca brava, alva de olhos azuis, que foi pegada no rio Gonçalo, a casco de cavalo ea dentre de cachorro, no olho da caibeira". *(JOSÉ VANDILO 1998 pg43.)*

Uma segunda versão sobre o surgimento da comunidade aponta para descêndencia indígena, atribuindo algumas das caracteristicas indígenas entre os moradores como: os costumes, o liguajar cantado, e atitude cismada. Esta versão tenta fugir do estigma de negro e de escravidão. Em entrevista ao trabalho de José Vandilo, podemos observar um pouco mais sobre esta confirmação:*"O povo do Talhado é um povo que não se une com ninguem, só com eles mesmos. Um povo que parece que é indio. Sei lá como é aquele povo!?...(PAULINO 1998, 44).)*

Uma terceira versão aponta que o surgimento do do Talhado é fruto de uma discursão entre o negro Zé Bento até então oriundo da comunidade

Pitombeira, sendo o mesmo carpinteiro e agricultor. Como lá na comunidade Pitombeira a madeira estava escasa ele se desloca como sua família para o sitio olho d'agua, que com decorrer do tempo irá se chamar Talhado, muitos apontam que o nome Talhado vem desta ideia de talhar a madeira. Veremos o que nos afirma a morador:

> "O primeiro morador do Talhado foi o meu bisavô, por parte de pai, Zé bento Carneiro era pai da mãe do meu pai, Josefa Carneiro. Ele era comedor de madeira, trabalhava com madeira o lugar dele era a Pitombeira, aí deu a Pitombeira pelo o saco, vendeu e foi embora, subiu a serra, foi morar e lá arrumou sítio e deixou pra *nós. O pai do meu pai nasceu e morava na Pitombeira..." (ELVIRA 1998, pg 45)*

Outros relatos ainda buscam mostrar outra versão como o documentário de Liduarte Noronha o mesmo afirma que:

> "O olho d'agua da serra do Talhado, Santa Luzia, Estado da Paraíba, Nodeste brasileiro, surgiu em meados do século passado quando o ex-escravo e madereiro Zé Bento, partiu com sua família para a terra de ninguem. Com o tempo o Talhado transformou-se em um quilombo pacífico, isolado das instituições do país, perdido nas lombadas do chapadão Nordestino, com uma pequena população num ciclo econômico trágico e sem perspectiva, variando na plantação de algodão e cerâmica primitiva"*(NORONHA 1964).*

Este documentário é considerado um dos primeiros documentos que fala da história da coumunidade Talhado, é um documentário da decada de sessenta, onde o autor tenta através das entrevistas recolhidas repassar a origem da cominidade.

Como podemos obsevar existem várias versões a respeito do surgimento da comunidade, atualmente a comunidade estaria voltada para a terceira versão. Mesmo que os negros do Talhado não tenha ainda uma relação aprofundada com os negros da Pitombeira, acreditamos que algo distância esta relação. E para confirmarmos esta versão, estivemos com um membro mais antigo da comunidade Pitombeira o senhor Ladislalau e sua esposa Geraldina, ambos residem na comunidade rural anida hoje.

E ambos afirma a saída do negro Zé Bento de lá da comunidade, exatamente por esses motivos apresentados. Poucos são os moradores que querem relatar algo sobre sua origem, dificultando portanto o nosso trabalho. Eles alegam serem enganados por pesqisadores que vem em busca da história e não retornam mais para a comunidade nem para deixar o trabalho escrito. Acreditamos que é uma falta de ética profissional, de humanismo, de respeito com a história daqueles que estão em busca de um espaço na sociedade. Veremos os entrevistados fala sobre este fato:

> "Os mais velhos não dão entrevista de jeito nenhum nem querem tirar foto, nada. Porque enganaram muito, prometeram muita coisa e naõ fizeram nada, aí muitos até ficaram ignorantes, sai com igonorância, por causa de gente ruim, promente que vai trazer isto e aquilo e desaparece e nunca mais volta nem traz nada, quando chega uma pessoa assim para falar, para conversar sobre a história do Talhado a gente diz que sabe nada..." *(DVALCIR 2010, 56 SANTA LUZIA PB).*

> "Essas histórias do Talhado quem contavam era Severina Antônia... esse povo já morreu, eu não sei contar histórias velhas não, também está escrito, já pegaram essa história todinha... já saiu em jornal, em revista..." (SESBASTIÃO BRAZ 2010, 83 SANTA LUZIA PB).

Seu Sebastião é um dos membros mais antigos da comunidade Talhado e ainda reside no quilombo rural. Ele sempre quem esteve a frente do quilombo sendo o mesmo comerciante, o dono da bodega como assim conhecemos. Como vimos estes são apenas um dos obstáculos encontrados neste trabalho, fruto de pessoas incensatas.

Quando chegamos para entrevistar alguem a primeira coisa que eles advertem, é exatamente a falta de consideração que os pesquisadores tem para com eles, isso portanto atrapalha o trabalho daqueles que realmente tem compromisso com que faz e atrapalha a própria divulgação das comundades.

Uma vez que os membros não se dispões a dar a entrevista sobre sua origem eles enterram consigo sua história e os seus conhecimentos. Portanto, estariam aí apresentadas as versões dadas pelos próprios moradores a respeito do surgimento da comunidade, acreditamos ser estas as mais aceitáveis diante o campo pesquisado.

A serra do talhado está a aproximadamente 700 metros de altitude e fica a 26 quilomentros ao sul da sede do municipio de Santa Luzia, tendo como acesso principal uma estrada de terra. Os sítios que formam a comunidade do Talhado são os seguintes: Olho D'agua do Talhado, Rio Grande (os mais populosos), Macambira, Queimada, Oiticiquinha, Serrinha e Pedra Redonda.

Como podemos peceber o Talhado é um agromeração de sítios, e essa denominação é mais utilizada por pessoas estranhas, internamente esta denominação deve-se á existencia de um penhaço(grande pedra talhada) no alto do olho d'água.

2.2 A organização Social

De acordo com o estudo de Cavalcanti a comunidade Talhado vivia em situação semi-isolamento, com organização política própria, onde predominava os princípios de parentesco e descendência, relação de patronato.

Relacionada assim com suas origens. A regra de residência predominante era a urorilocal, isto é os homens ao se casarem deixam à casa dos pais e passam a morar com a família de suas mulheres. Geralmente o casamento era realizado entre primos, numa intenção de facilitar a coesão do grupo e a permanência do território.

Como vimos os negros do talhado tinha esta preocupação em manter a origem em relação a parentesco, a posse da terra. Isso, fazia com que o grupo se considere petercente ao talhado construindo assim uma situação de alteridade entre os negros e brancos da cidade na época. Hoje esta situação já não é mais a mesma até porque a maioria dos talhadinhos se encontra na cidade. Mas como podemos observar este semi-isolamento e esta forma de organização social fez a separação até os dias de hoje entre os descendentes do Talhado e os dos demais negros que hoje habitam a cidade.

Esta separação é tão forte entre eles que, quando se direcionam para o grupo fazem questão de falar "minha família", "nossa família". Não querem se misturar ou até mesmo perder esta ligação entre os descendentes. Isso, portanto afasta o restante da população deles. Vejamos o que diz as entrevistas:

> "Casamento aqui é um milagre, quando acontece um, sempre se casa com família. Acho que é por causa da discriminação, nem os rapazes querem as moças, nem as moças daqui querem casar com os rapazes de fora, é muito difícil uma moça daqui casar com rapaz de fora". (GILVANEIDE 2010, 45, SANTA LUZIA PB). "Sempre se casa família com família, é difícil casar com um estranho, acho que é o sangue que se combina. Os de fora parecem que não querem. É sempre assim, tudo família." (BÁ DE VENTURA 2010, 52 SANTA LUZIA PB).

Podemos tomar este exemplo como uma tradição entre os próprios membros. Esta prática tem uma ênfase maior hoje entre os habitantes do sítio. Já os que moram na rua já têm um novo olhar sobre esta questão não conservando bem esta tradição.

Acreditamos que com convívio na cidade a própria relação com habitantes tenha ajudado a quebrar este paralelo mesmo que ainda seja de

forma lenta. Pois ainda prevalece uma forte discriminação, acreditamos que pessoas de fora constroem no seu imaginário a idéia de ser confundido com o pessoal do Talhado quando casarem com alguém de lá.

Ao analisarmos o cotidiano dos talhadinos que vivem no sítio, percebemos que eles vivem uma vida simples, marcada pelas dificuldades de conseguir trabalho, água, precariedades nas escola e dos transportes entre outras. A luta pela sobrevivência é constante, como em qualquer grupo outro social, mas podemos perceber que o quão é a luta desse povo por uma vida melhor, mais digna e muitas vezes são barrados pela a realidade em que se encontram. Em entrevista com o morador que ainda permanece lá no sitio ele afirma:

> "As dificuldades são grandes, as coisas mudaram por isso que a maioria do povo veio morar na rua; outros estão em São Paulo, Rios de Janeiro, João Pessoa; quem ainda tem uma aposentadoria fica aqui, mas quem não tem, porque tudo é difícil". (BATISTA BENTO 2010, 73 SANTA LUZIA PB).

A busca de melhorias faz com que o pessoal do Talhado desça a serra e venha morar na rua. O ano de 1994 é marcado como sendo o ano de forte migração do pessoal do Talhado. Na cidade existe uma rua cujo nome é em homenagem a um dos patronos do Talhado o bairro Arlindo Bento, lá estar concentrado a maioria das pessoas que desceram a serra. Encontra-se lá também o galpão onde é confeccionada a cerâmica de barro pelas as mulheres, marco desta comunidade.

Confecção esta que acompanha a comunidade desde sua fundação, teve a oportunidade de conhecer a dirigente do galpão a senhora Céu, pessoa muito simpática que nos mostrou como funcionava, para onde era vendida a cerâmica e quais as dificuldades em elas tinham para produzir na cidade uma vez que na cidade elas tinham que comprar a lenha, o barro, pagar para trazer o material entre outros. E lá no sítio este material estava mais acessivo, o único gasto seria trazer para a cidade, uma vez que este transporte era feito

em jumentos. Ela afirma que mesmo com os gastos não tendo um bom rendimento é preferível morar na cidade.

Vemos que o Talhado rural é tido como um lugar sofrido, mas dentre este sofrimento existiram e ainda existe o tempo bom considerado por eles. O Talhado é considerado como um lugar dos melhores sanfoneiros da região, tendo como destaque hoje o sanfoneiro Luna que canta músicas que lembra o rei do baião Luiz Gonzaga, o sofoneiro Titico do Acordeon como assim é conhecido. E muitos outros descendentes desta comunidade. As festas no meio rural ainda são lembradas como as melhores, e a maioria do pessoal que hoje se encontra na rua preferem fazer suas festas lá no sítio, até como forma de comodidade.

> "A gente nasceu lá, meu pai era sanfoneiro também. Eu vendo ele tocar achei bonito. Esse negócio é bonito, eu vou vê como é! Comecei por ali, fazer um barulhinho e tal até fui aperfeiçoando a arte e hoje exercendo este cargo de sanfoneiro. Tem muitas pessoas lá no Talhado, inclusive as pessoas lá, são muito ativas, apesar que são de uma terra de ser difícil as coisas. As coisas são difíceis mas o pessoal é inteligente. Eu acho que a coisa vem da veia, porque lá todo mundo é família e vem passando"(TITICO 2010, 59 SANTA LUZIA PB).

Este depoimento é de um dos sanfoneiros, mostrando como aconteceu o seu aprendizado diante a sanfona. Ele retrata que mesmo com as dificuldades o pessoal do Talhado são vencedores.

Abaixo uma entrevista cedida ao trabalho de José Vandilo, de uma das figuras lendárias do Talhado que hoje mora na cidade.

> "Quando eu morava no Talhado e era nova, a gente dançava muito. Eu tenho um tio que é Ciço Bento, eram 31 noites do mês de maio que a gente dançava, mas ninguém nunca viu desespero que tem hoje, um escândalo muito grande hoje... A gente não chamava nome feio na vista da mãe. A gente tinha respeito... Tinha festa direto, a minha vó, ela rezava o mês de maio e a gente dançava 31 noites nunca houve uma briga. Rezava a novena e depois saía da casa da minha vó e ia a

casa do meu tio era quem tocava." (VANDILO,1998 p117 SANTA LUZIA PB).

Como havia dito esta entrevistada é de uma das descendente mais antiga da comunidade, que hoje se encontra na cidade a senhora Rita Preta como assim é conhecida ela narra como acontecia às festas antigamente. Mostrando sua preocupação com a realidade das festas de hoje. Mostrando também que naquele mês o povo talhadino convivia com uma nova realidade, como podemos observar trata-se do mês de maio, que para nós nordestino este é o mês onde começa a colheita.

A festa para eles seria uma forma de estratégia para esquecer aquela realidade pelo menos naquele mês. Podemos perceber que acontecia um encontro entre o profano e o religioso, mais um fator típico do nosso Nordeste. O pessoal do Talhado é considerado um pessoal festeiro por mais que suas festas não sejam voltadas para cultura africana, mas sertaneja já que se trata do forró que é muito comum encontrar festas ao som da sanfona, triângulo e zabumba.

Atualmente as festas realizadas no Talhado estariam voltadas para ocasiões como; festas de casamento e aniversários reunindo-se o pessoal da zona rural e da cidade.

2.3 MIGRAÇÕES

De acordo com dados levantados em outros trabalhos, como o aponta José Vandilo, a migração do povo Talhado para a cidade tem ocorrido nestes 25 anos de história. A busca de melhores condições de vida tem sido um dos principais motivos para este acontecido.

No inicio deste trabalho apontamos algumas características que levaram a construção de uma comunidade em um alto de uma serra em semi-isolamento, que para alguns aquele isolamento parte de uma tradição, para

outros seria uma maneira de fugir do sistema da época enfim o que gostaríamos de apontarmos neste momento é justamente o porquê da saída.

A partir do momento que eles buscam em um novo espaço novas condições de vida, eles estariam se refugiando mais uma vez, mas só que agora com um novo olhar. Mesmo que neste novo refugio eles são vistos como diferentes, estariam assim acreditamos que buscando um lugar que á muito já lhe pertence, tanto no que se refere ao setor constitucional como setor humano ao qual é assegurado pela a própria natureza.

A vinda dos talhadinos para cidade tem causado uma preocupação, porque os problemas étnicos e raciais tendem a aumentar. Uma vez que o contato com o branco da cidade agora não estaria apenas resumido a feira uma vez por semana, mas agora eles irão fazer parte direto daquela cidade. A maioria do pessoal que desceu a serra ainda mora em condições muito precárias, nas periferias daquela cidade. Os trabalhos estão voltados para garis, empregada doméstica entre outros. Quando muitos não a tem ocupando o lugar de desempregados.

Mas se analisarmos a nossa realidade hoje o que iremos perceber, que vivemos no mundo em que a qualificação profissional é a porta de entrada para um bom emprego e ao acompanharmos a história desta comunidade presenciamos que esta qualificação esta acontecendo. Em visita a algumas casas tive a oportunidade de conhecer uma jovem talhadina que estar cursando um curso superior, acreditamos ser a mesma a primeira dentre os demais ali residentes.

Voltando para um contexto social vemos o quanto o pessoal talhadino se perdeu no tempo. Muitos atribuem a vinda para cidade devido às secas que assola aquela região, outros a condição educacional, saúde, e outros a questão de trabalho.

Com o decorrer do tempo estas más condições era apenas um escape para muitos que gostariam que seus tivessem um futuro melhor, e que aquele

sofrimento pudesse ser amenizado. E a cidade irá se tornar mais um refúgio para aqueles que queriam se libertar daquele sofrimento.

Ao analisarmos percebemos que há em torno desta vinda cria-se uma imagem do "outro", imagem criada justamente pelo o próprio sistema em que vivemos. Acreditamos que a vinda do talhadino para cidade é mais um grito de liberdade, mais um degrau que o afro-descendente consegue subir, porque mesmo com todo um enredo de discriminação em relação ao negro ele estar acompanhando ali de perto o progresso ou regresso da cidade em que suas contribuições estão inseridas.

Um outro fator interessante que não podemos deixar de registrar é política assistencialista que contribuiu para a vinda dos talhadinos para a cidade esta no entanto estava preocupada apenas com o voto daqueles que iriam descer a serra. Mas com decorrer do tempo esta política não poderia mais ser controlada e muitos estavam ali bitolados a ela. Acreditamos que carências enfrentadas por eles se transformavam em fruto para políticos corruptos que se apropriavam daquela situação para se dar bem. Vejamos o que diz a entrevista:

> "Quem acabou o Talhado foram os próprios políticos da cidade fazendo uma casinha de taipa na cidade, aí eles não queriam mais trabalhar, eles vinham em casa, chegavam a casa na rua os políticos dava as compras, ele vinham trazer e voltava de novo pro político dá outra feira a eles, quem acabou com o Talhado foram os próprios políticos, se os políticos não tivesse feito isso tava todo mundo na comunidade do Talhado, trabalhando, todo mundo nas suas casas. Desde de 1972 pra cá, foi que começou esta safadeza, que ninguém quis mais trabalhar; agora foram os próprios políticos que fizeram a própria safadeza aqui no Talhado e hoje não querem dá, não querem dá". (MANOEL, 56, 2010 SANTA LUZIA PB)

A entrevista deixa bem clara a questão sobre o assistencialismo, muito presente na política do Nordeste ainda hoje, esta, porém incentivou a vinda dos talhadinos. Seu Manoel exprime indignação com as atitudes dos políticos frente ao pessoal do Talhado. Segundo relatos a estadia de seu Manoel lá no sítio tem sentido porque ele tem condições melhores para estar lá, já para outras pessoas que não se encontram com as mesmas condições findam

encontrando na cidade uma vantagem a mais sempre. Vejamos o que diz a entrevista: *"Só volto se melhorar, porque lá não tem condições, eu mesmo gosto muito de lá, é minha terra, onde nasci e me criei". (CÉU, 40, 2010 SANTA LUZIA PB).*

Mais uma vez vimos que são vários os fatores que incentivaram os talhadinos a descer a serra. Hoje o número de talhadinos na cidade é superior ao sítio, formando assim um quilombo urbano. Eles estão divididos entre os bairros; São José, São Sebastião, Nossa Senhora de Fátima. Um dos mais populosos é bairro São José em especial a Rua Arlindo Bento. A maioria das pessoas do Talhado quando desce a serra sempre busca se aglomerar em um mesmo local na intenção de manter os laços de cooperação e solidariedade entre eles formando assim um núcleo homogêneo. Buscam construir suas casas de acordo com as casas do sítio, muitas delas são pequenas e sem conforto.

Atualmente o grupo estar passando pelo um período de brigas junto a prefeitura que estar tentando desapropriar as casas já construídas. O que acontece que este terreno foi doado para o pessoal do talhado e muitos se apropriam dizendo ser do talhado também, isto é estar gerando alguns problemas junto a prefeitura no que diz respeito a infra-estrutura do município.

Um dos motivos pela opção de morar na periferia é fato do preço das moradias e do aluguel ser mais barato. De um modo geral o pessoal mora na cidade, mas ainda conserva a terra no sítio mesmo não plantando e as casas ficando abandonadas.

O que podemos observar que de acordo com que for acontecendo o contato do povo do Talhado com o pessoal da cidade o grau de parentesco tende a ampliar, esse contato pode trazer novos relacionamentos até uma ligação mais aproximada como o casamento lógico que isso numa mesma proporção. Isso poderá mudar os rumos dessa trajetória histórica desses remanescentes.

2.3TALHADO/PITOMBEIRA (As diferenças e semelhanças entre as duas comunidades).

No inicio do nosso trabalho apontamos alguns relatos sobre as duas comunidades, e um dos questionamentos que ficou em pauta é sobre a origem das comunidades em especial a comunidade do Talhado. E uma das hipóteses apontadas afirma que a comunidade nasce na Pitombeira, comunidade rural de negros pertencente ao município de Várzea que fica a 10 km da cidade de Santa Luzia-Pb. Em visita a comunidade, tivemos a oportunidade de conhecer o senhor Ladislalau um dos descendentes mais antigos da comunidade e em sua lembrança vaga ele afirma esta hipótese. Por mais que os negros da Pitombeira pertencessem à Várzea estes porêm tinham um contato desde cedo com a cidade de Santa Luzia devido também a atual cidade de Várzea tem sido distrito de Santa Luzia, na época esta cidade dispunha de melhores condições de serviços os mesmos procuravam-na.

Então podemos perceber que o contato do pessoal da Pitombeira com a cidade aconteceu há muito tempo em contrapartida o pessoal do Talhado único contato que tinha nesta época era apenas a feira quando vinha vender suas cerâmicas. Muitos dos negros da Pitombeira vieram desde cedo morar na cidade aumentando ainda mais seu contato.

Outro fator interessante que liga o pessoal da Pitombeira é a festa do Rosário realizada anualmente. Esta porém participa tanto os negros como os bracos da cidade. Diferentemente da serra do Talhado, a Pitombeira é um território plano e o acesso não é difícil, fica situado do lado oposto da serra do Talhado.

Segundo relatos os negros da Pitombeira sempre buscaram entrosamento com o povo da cidade, chamado até de "morenos", enquanto o pessoal do Talhado é taxado de "negros do Talhado". Até nisso há uma diferença entre estas duas comunidades. Atualmente poucas famílias moram

na Pitombeira. Muitos acreditam que a festa do Rosário é uma forma de facilitar a aceitação e aprovação dos negros pelos moradores brancos da cidade.

A maioria dos trabalhos e pesquisa realizados gira entorno do Talhado, várias pesquisas já foram realizadas. A uma carência no levantamento da história da Pitombeir, poucos trabalhos foram realizados a seu respeito.

Mas é uma comunidade ativa reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde 2004 publicada no diário oficial da união, como sendo das comunidades reamnescente de quilombolas. Assim como pessoal do Talhado eles tem sede própria utilizando-a para suas reuniões. Estas, porém são realizadas de acordo com a necessidade do grupo para assuntos próprios.

A maioria das pessoas vindas da Pitombeira se instalam no bairro Nossa Senhora de Fátima e São Sebastião, suas condições também são precárias. Uma das vantagens referentes aos negros do Talhado é em relação ao convívio social com a cidade, estes porem tem um melhor relacionamento. A até a tradicional festa do Rosário é conhecida como "festa dos morenos", entretanto o pessoal do Talhado não participa.

A relação entre estas duas comunidades não é nada amigável, não há uma interação, cooperação, convivência comum. Acreditamos que este distanciamento entre estas duas só altera mais o quadro do afro-descedente nesta cidade. Vemos, portanto que a história dos negros Talhado estar fundada no isolamento. O contato com o pessoal da Pitombeira não foi sempre o esperado. Ou seja, o Talhado sempre esteve às margens tanto do pessoal da cidade como da sua própria descendência. Esta cultura do afastamento que o Talhado carrega tem dificultado este entrosamento. Vejamos o que diz os negros da Pitombeira:

> "Com os negros do Talhado nós não temos nada a ver, porque eles nunca... os negros do Talhado é um povo diferente, eles são apartados da gente. O negócio deles é só na maloca deles lá. O negócio deles é só ajuntar elementos, de casar eles com eles mesmos, famílias com famílias, qualquer coisinha matam uns os outros que nem ciganos.

> Eles são separados da gente, agora não é porque nos não queremos não, porque nós já chamamos muitas vezes, mas eles não querem não. São uns negros diferentes". *(JOSÉ 46, 2010 SANTA LUZIA).*

Agora vejamos o que pensam o pessoal Talhado em relação à Pitombeira;

> "Minha vó era bem clara... lá é um ninho só. Aquele povo da Pitombeira diz que é família da gente, o povo diz que é... Pra festa do Rosário eles nunca chamam a gente. Meu avô é quem dizia que a gente era família deles. Olhe! Na Pitombeira tem gente mais morena do que no Talhado". *(RITA PRETA 79, 2010)*

As duas entrevistas deixam claro, a rivalidade entre estas duas comunidades. Nenhuma querendo ceder, sempre uma querendo ser mais importante do que outra. Vejamos o que afirma a autora em seu trabalho: *"Os negros do Talhado são considerados diferentes pelos da sede do município de Santa Luzia; não participam das festas organizadas pelos negros da sede, são considerados perigosos e criminosos..."* (CALVACANTI *1975 pg17).*

Como já havíamos comentado seu trabalho foi escrito na década de setenta, há 40 anos e vemos como esta rivalidade é muito presente, já apontamos alguns fatores que contribuíram pra esta rivalidade, como o próprio isolamento da comunidade Talhado. Mas poderíamos ver esta realidade com outros olhos, por exemplo, a própria aceitação do pessoal da Pitombeira pelos os brancos da cidade já pode ser um suporte para estes entenderem que eles têm um valor social maior que o os talhadinos, uma realidade não cabível. Uma vez que quando se trata da discriminação em termos gerais, como já vimos no Capitulo I, aquela determinada elite branca não estaria preocupada se era negro da Pitombeira ou do Talhado, não tinha distinção em relação a discriminação, até que porque esta realidade não anda tão distante dos dias

atuais, hoje poucos são os negros que ocupam algum lugar na administração daquele município.

Com este comentário gostaríamos de ressaltar que é inútil esta rivalidade as únicas pessoas prejudicadas são eles próprios, tanto no que se refere à questão; social, cultural e econômica daquele município. È sugerido que haja um melhor entrosamento para que o progresso possa acontecer e amenize pelo um terço da discriminação existente em torno daquela cidade.

È necessário que as duas comunidades possam ceder para que haja este entrosamento. Da mesma forma que os negros da Pitombeira usaram a festa do Rosário como uma estratégia para um melhor entrosamento com os brancos da cidade, isso de acordo com os relatos analisados. Da mesma forma que os talhadinos estão usando suas estratégias para se adaptar a cidade, as duas possam encontrar estratégias criando-se um novo olhar sobre elas.

Isso não significa dizer que o problema estaria apenas nas duas comunidades, mas na população de Santa Luzia em si. Ou seja, isso porque o problema envolve três diferentes tipos de pessoas que convivem naquela cidade. Somos conscientes das mudanças, mesmo que seja a passos muito lentos. Mas é necessário que este quadro tome rumos diferentes, porque só assim é possível pensar em comunidade democrática. Porque até agora este termo democracia estaria passando muito longe daquela cidade. Porque acreditamos que democracia não estaria apenas relacionada com o votar, mas parece que este é significado desta palavra naquela cidade.

Podemos perceber que as diferenças e semelhas das duas comunidades é fruto de um sistema criado pelas duas, interrompido e às vezes incentivado pela elite branca daquela cidade. Por isso que este capítulo clama por mudança, para que nenhuma destas possa ser prejudicada e sim possam se ajudar entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, este trabalho trata da questão racial e quilombola em nosso país em especial na cidade de Santa Luzia no seridó paraibano. Buscaremos através deste, mostrar o passado e a atual realidade dos quilombolas. Traçamos metas voltadas para os dois quilombos ali existentes como; o quilombo talhado e o quilombo pitombeira. Os mesmos contribuem para a história daquela cidade. Ao analisarmos percebemos o quanto estes quilombos sofreram com a discriminação e ainda hoje convivem com a mesma, não tendo um espaço considerável como cidadãos iguais.

Este é um problema enfrentado pela maioria dos quilombos do nosso país. Que estão á margem desta sociedade a mais de 400 anos, e como libertos a mais 120 anos. Vemos que estes são números consideráveis, anos se passaram e nada de novo acontece. Quando analisamos a situação dos quilombolas em nosso país, vimos que a discriminação é um dos fardos mais pesados que o negro tenha carregado durante sua história. Se analisarmos a verdadeira origem do termo liberdade a respeito dos negros, iremos perceber que ela ainda estar para acontecer.

Este trabalho mostra uma pequena demonstração a respeito desta realidade. E através desta vemos o quanto o negro tenta se inserir no espaço que também lhe pertence, mas infelizmente a própria sociedade toma-o de suas mãos. Durante o trabalho mostramos a realidade dos quilombos que se encontram na área rural e urbana da cidade de Santa Luzia. Em seguida tentamos apresentar as dificuldades enfrentadas pelos mesmos nas duas áreas, sem deixar de acrescentar as dificuldades que os mesmos enfrentam quando decidem se inserir na área urbana. Santa Luzia em sua particularidade tem um grande contingente de descendentes africanos. Através deste contingente tentemos observar como esta cidade encara esta realidade, traçamos um recorte temporal que desde o ano 1944 á 2005, este último, ano de reconhecimento das comunidades como patrimônio cultural histórico. Como

já havíamos acrescentado este trabalho tendeu a observar a questão racial, em especial à discriminação racial.

Acreditamos que este trabalho tenha alcançado suas metas, procuramos nos deter a algo novo ainda não levantados e pesquisados naquelas comunidades. Nossa intenção é apresentar algo que contribuíssem para um novo olhar sobre aquelas comunidades quilombolas que ainda não foram vistas como deveriam ser. Tentamos quebrar alguns esteriótipos criado em torno dessas comunidades em especial a comunidade talhado. Uma das que mais sofre com a discriminação racial e social.

Tentamos mostrar qual a posição tomada pelos negros naquela cidade, ou melhor, dizendo qual a posição que lhe foi dada. Na maioria dos quilombos brasileiros e em especial no Nordeste, estes porem buscam apenas o primeiro plano de um vivente, a sobrevivência. Olha que esta sobrevivência não alcança 20% da sobrevivência normal do restante sociedade. Vemos que esta realidade não se distancia destas comunidades analisadas. Acreditamos que é necessário criar novas formas de políticas públicas que possam abraçar esta causa com um novo olhar.

O que acontece em nosso país, que os olhares só são voltados quando há uma necessidade de mudança de liderança em modo geral. E apontamos esta realidade em alguns dos trechos deste trabalho. Ou seja, a igualdade que tanto almejamos só acontece de quatro em quatro anos e ainda em um pequeno espaço de tempo. Por isso, é necessário que trabalhos iguais a esses possam ser realizados com mais freqüência, mesmo que sua repercussão seja mínima.

Mas tenhamos a certeza de que este trabalho seja mais um grito de liberdade, que busca melhorias para um povo; esquecido, oprimido e discriminado pela sociedade brasileira. Não cansaremos gritar para que um dia possamos ser ouvidos. Para que esta realidade possa tomar novos rumos. Portanto, este era nosso objetivo neste trabalho, esperamos que outros trabalhos possam surgir nesta mesma perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABUQUERQUE, Junior, Durval Muniz de. ***Preconceito contra origem geográfica e de lugar***: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007. p. 7/132.

Brasil, um país de negros?/organizado por Carlos Caroso e Jefessor Bacelar. -2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAQ, 2007.p, 72/84, 114/121, 144/160.

SILVA, Eduardo. ***As camélias do Leblon e a abolição da escravatura***: uma investigação de história cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p, 73/78.

Ana Lugão Rios e Hebe Maria Matos. ***Memórias do cativeiro: famílias, trabalho e cidadania na pós-abolição.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p, 257/300.

MATTA, Roberto da. ***O que faz o brasil, Brasil?.*** Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 1984. p, 37/47.

12 faces do Preconceito/Jaime Pinsk organizador. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto. 2000.

CAVALCANTI. Josefa Salete B. (1975). ***Talhado: um Estudo de Organização Social e Política.*** Dissertação de Mestrado – UFRJ, Rio de Janeiro.

SANTOS. José Vandilo dos. (1998) ***Negros do Talhado. Estudo sobre a identidade étnica de uma comunidade rural***. Dissertação de Mestrado. UFPB, Campina Grande-PB.

A escrita da história: novas perspectivas/ Peter Burke (org); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1992. (Biblioteca básica).

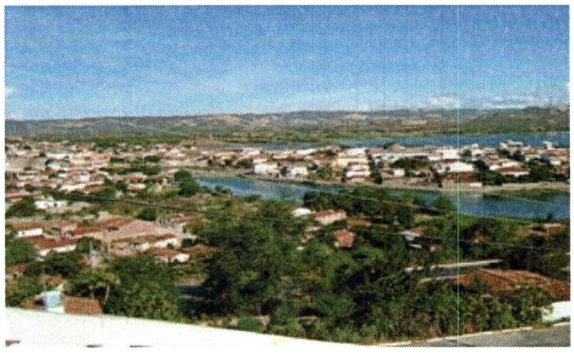
CERTAU, Michel de. ***A invenção do cotidiano: 1. arte de fazer***; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Reportagem: Quilombola – **Os direitos negados de um povo.** AUTORIA: Silvia Bessa/ Diário de Pernambuco/ Brasil. 2008.

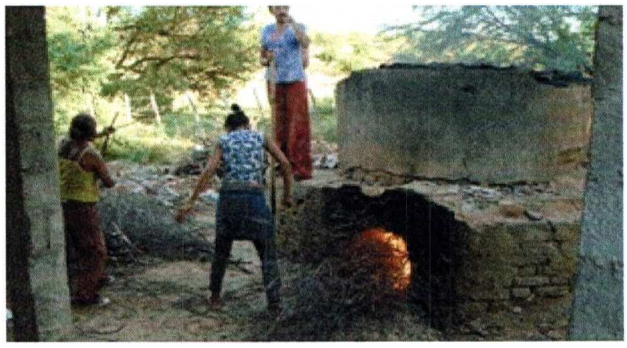
Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. (org). Profa. Dra. Andréa Paula dos Santos. Paraná.

ANEXOS

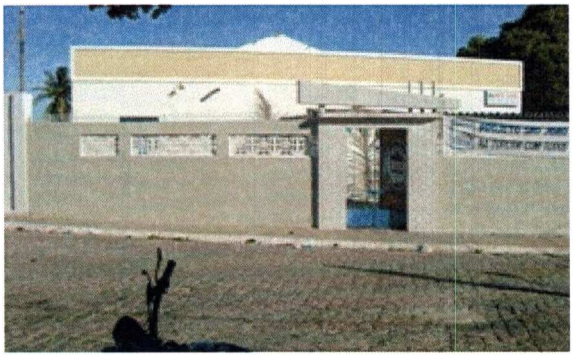
FOTOS



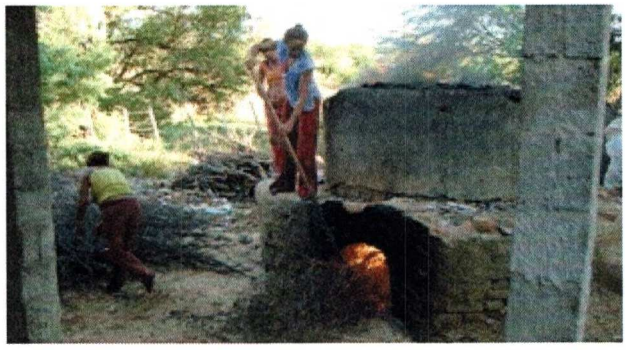
Uma imagem da cidade de Santa Luzia-Pb. Foto 2010.



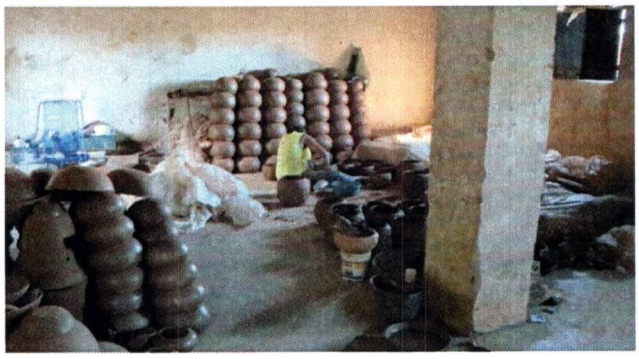
Imagens das louçeiras queimando a cerâmica. Foto 2010.



Sede do Yayu Clube. Foto 2010.



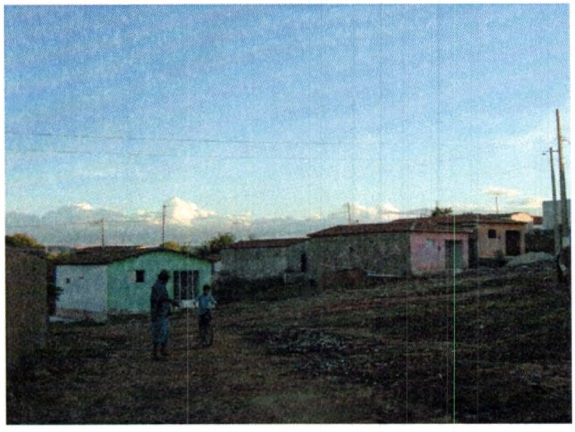
Sede do antigo clube 1° de julho (clube dos morenos).



As louçeiras confeccionando a cerâmica. Foto 2010

Galpão onde confeccionado a cerâmica. Foto 2010.

Talhado rural. Foto 2008.



Bairro São José. Foto 2010.

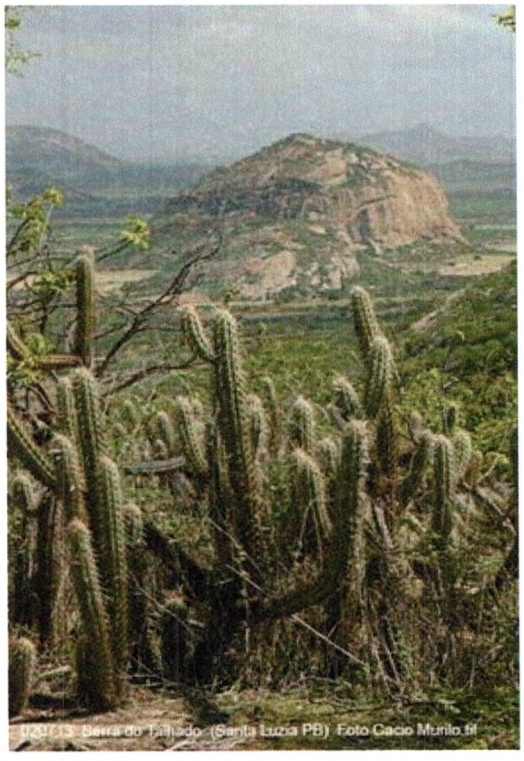
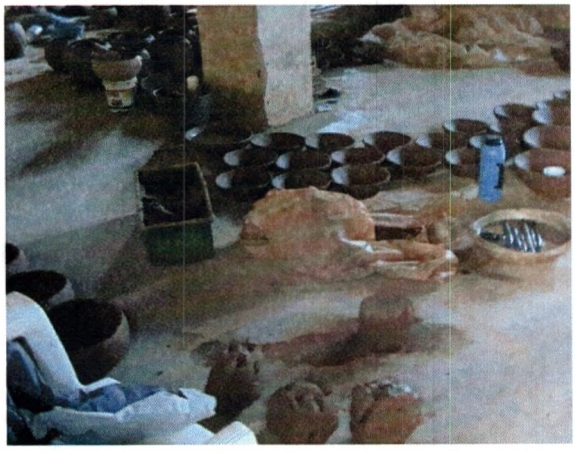
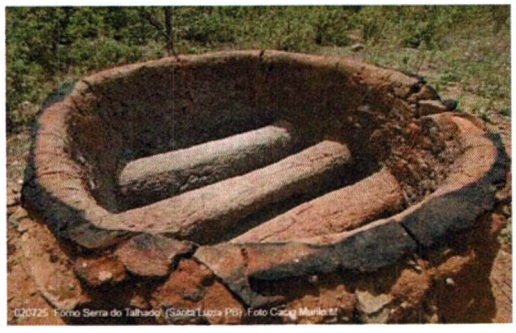


Imagem da caatiga da Serra do Talhado. 2002



Confecção da cerâmica, os primeiros passos. Foto 2010



O forno antigo onde era confeccionado a Cerâmica no Sítio. Foto 2002.